

“O teatro é primeiramente uma arma política”: entrevista com Élie Stephenson

*Rodrigo Ielpo¹
François Weigel²*

Resumo: Nascido em Caiena, Guiana Francesa, em 1944, Élie Stephenson é um dos grandes escritores guianenses. Autor de diversos livros, passeando entre os mais diferentes gêneros como a poesia, o romance, o conto e o teatro, sua obra traz a marca de um ativismo pleno de lirismo e coragem. Em seu teatro, a relação entre estes termos dá especial relevância ao problema do confronto entre modos de vida distintos, marcados, especialmente, pela oposição entre guianenses e metropolitanos, o que o permite criticar de forma contundente a problemática relação colonialista da França com a Guiana. Escritas, como o próprio autor declara, para o povo, suas peças funcionariam, assim, como dispositivo de desalienação e resistência à dominação francesa, dominação esta que Élie, assim como Nora, sua esposa, não cessam de denunciar. Isso explica o lugar de destaque que o crioulo da Guiana tem em sua literatura dramática. Construindo um espaço de intimidade, o uso desta língua possibilita a seu autor circunscrever um conjunto de questões que, por esta via, podem deixar o corpo individual do escritor e reverberar como singularidade pela adjunção do coro de vozes que de fato a enuncia: o povo. E se, ao contrário de sua obra poética, tão vasta quanto suas peças, seu teatro parecia fadado a não deixar o espaço do manuscrito, de uns tempos para cá, ele vem sendo editado, como prova a publicação, em 2018, do livro *Œuvre Théâtrale Inédite*.

1 Rodrigo Ielpo é professor de Língua e Literaturas de Língua Francesa no curso de Letras Português-Francês da UFRJ e pesquisador no Programa de Pós-graduação em Letras Neolatinas – PPGLN da mesma universidade.

2 François Weigel é professor de Língua Francesa e Literaturas da UFRN e é diretor do Grupo de pesquisa do CNPq “O Brasil, a França e o mundo francófono”.

Apresentação

Nascido em Caiena, Guiana Francesa, em 1944, Élie Stephenson é um dos grandes escritores guianenses. Autor de diversos livros, passeando entre os mais diferentes gêneros como a poesia, o romance, o conto e o teatro, sua obra traz a marca de um ativismo pleno de lirismo e coragem. Em seu teatro, a relação entre estes termos dá especial relevância ao problema do confronto entre modos de vida distintos, marcados, especialmente, pela oposição entre guianenses e metropolitanos, o que o permite criticar de forma contundente a problemática relação colonialista da França com a Guiana. Escritas, como o próprio autor declara, para o povo, suas peças funcionariam, assim, como dispositivo de desalienação e resistência à dominação francesa, dominação esta que Élie, assim como Nora, sua esposa, não cessam de denunciar. Isso explica o lugar de destaque que o crioulo da Guiana tem em sua literatura dramática. Construindo um espaço de intimidade, o uso desta língua possibilita a seu autor circunscrever um conjunto de questões que, por esta via, podem deixar o corpo individual do escritor e reverberar como singularidade pela adjunção do coro de vozes que de fato a enuncia: o povo. E se, ao contrário de sua obra poética, tão vasta quanto suas peças, seu teatro parecia fadado a não deixar o espaço do manuscrito, de uns tempos para cá, ele vem sendo editado, como prova a publicação, em 2018, do livro *Ceuvre Théâtrale Inédite*.³

A entrevista que se segue é a transcrição traduzida, a partir de uma gravação, de uma conversa em francês com Élie e Nora Stephenson, ocorrida durante uma mesa sobre teatro organizada como atividade do evento ALELF – Artes e Literaturas: os Espaços Lusófonos e Francófonos, que aconteceu de modo online entre os dias 23 e 25 de novembro de 2021. O evento foi organizado por nós e esta mesa contou ainda com a participação da professora e pesquisadora Alexandra Dumas, da Universidade Federal da Bahia.

*

Antes de passar à entrevista, é preciso explicar algumas escolhas que nós, entrevistadores e tradutores⁴, fizemos no que tange ao modo de organização do texto. Elas dizem respeito, sobretudo, a uma questão de ordem gráfica e a outra

3 Ver bibliografia.

4 Rodrigo Ielpo e François Weigel.

de ordem sintática, ambas correlacionadas. O fato é que há algum tempo, Élie Stéphenson sofre de um problema nas cordas vocais que dificulta muito sua fala. Diante disso, Nora vem sendo a parceira e intérprete que possibilita, em muitas ocasiões, o estabelecimento do diálogo de Élie com seus interlocutores. No caso da nossa conversa, isto fez com que algumas vezes, a própria Nora assumisse, de modo espontâneo, a resposta para a pergunta colocada. E quando traduzia as palavras do marido, recorria, por vezes, ao uso da terceira pessoa do singular, em outras, performava a própria voz de Élie, recorrendo a um *je* que não deixou, aqui e ali, de se confundir com um *nous*, testemunho desse emaranhado afetivo de vozes entre os parceiros. Optamos, assim, por uma estratégia que ao mesmo tempo em que tenta mapear para o leitor esses diferentes momentos, ajudando-o a distinguir quem fala, não apagou, entretanto, a riqueza desses deslizamentos⁵. Mantivemos, então, essa variação pronominal, marca, também, do espaço de oralidade e espontaneidade do modo como a conversa se desenvolveu. Em termos gráficos, construímos um procedimento simples, mas que nos pareceu eficiente e nos permitiu, novamente, preservar a relação entre as vozes de Élie e Nora. Este procedimento consistiu em introduzir as falas em que Nora media claramente as palavras do marido pela seguinte indicação: **Élie Stéphenson (Nora)**. E nos momentos em que ela reagiu por si própria, sem procurar transmitir respostas do companheiro, deixamos apenas o seu nome: **Nora Stéphenson**.

Entrevista

Rodrigo Ielpo: *Muito obrigado por estarem aqui com a gente, Élie e Nora Stephenson, e de superarem todos estes problemas técnicos. Peço desculpas, mas a gente dá um jeito. Muito obrigado mesmo.*

Nora Stephenson: Para nós, justamente, estes problemas técnicos são enormes. Porque necessitamos de ajuda e não temos um jovem como você para nos ajudar. A gente aproveita a disponibilidade de quem passa por aqui para nos ajudar. Nosso neto nos deu uma mão hoje para resolver estes problemas.

5 Nora Stephenson tem uma trajetória importante como ativista em defesa da Guiana, o que fica evidente em suas intervenções e, acreditamos, não poderia ser apagado desta entrevista. Ver: https://www.sciencesetavenir.fr/nature-environnement/nora-stephenson-50-ans-de-militantisme-pour-l-environnement-et-l-independance-de-la-guyane_141533

Rodrigo Ielpo: *Obrigado então, ao neto de vocês.*

Nora Stephenson: Sim, nosso neto.

Élie Stephenson (Nora): Ele está muito contente de estar aqui, e para ele é uma honra falar um pouco de teatro popular guianense. Especialmente com este grande país de literatura que é o Brasil.

Élie Stephenson (Nora): Vocês vão fazer perguntas? Como vai ser?

Rodrigo Ielpo: *Eu posso começar com uma pequena provocação que se encontra na introdução do livro La nouvelle légende de D'Chimbo. suivi de Massak⁶ [A nova lenda de D'Chimbo, seguido de Massak] onde J.-M. Ndagano, que escreveu a introdução, desenvolve algumas hipóteses sobre o porquê da obra teatral de Élie Stéphenon não ter sido publicada como ocorreu com a sua obra poética, por exemplo. Porque ele tinha, no momento desta publicação, vários textos inéditos ainda.*

Élie Stephenson (Nora): De uma maneira geral, na França, o teatro não é muito publicado. Não há, de fato, um público que leia peças de teatro, sobretudo as nossas. Lá, se vai ao teatro para ver, e depois, eventualmente, compra-se a obra teatral. Não é uma prática, a literatura do teatro na França. Sobretudo esse teatro que é inteiramente guianense. Eles não têm interesse por isto.

Rodrigo Ielpo: *Ok. Porque, na verdade, Ndagano diz que... é uma hipótese que ele faz e é por isso que eu digo que é uma provocação: "Stéphenon ne semble pas accorder une importance particulière à ses écrits dramatiques, ou du moins, il n'a jamais cherché à en tirer une gloire, une certaine notoriété d'écrivain".⁷ Se eu compreendi bem, não se trata disso.*

Élie Stephenson (Nora): Mas isto é verdade. O teatro faz parte das armas que ele utiliza em seu combate político. Pois para ele, antes de tudo, o problema guianense é um problema político. É uma questão da nossa relação com a França, potência colonial dominante. Pois, esta apropriação da Guiana pela França, que vem durando desde o século XVII, nos isola completamente do resto da América Latina. Mas, igualmente, do Caribe. Encontramo-nos como isolados no continente. Logo, para ele, o teatro é primeiramente uma arma política. Não havia ali nenhuma ambição literária. Era sobretudo uma arma de resistência, de conscientização, porque era

6 Ver bibliografia.

7 STEPHENSON, Élie. *La nouvelle légende de D'Chimbo suivi de Massak*. 1996, p. 9.

preciso transformar, no seio mesmo do nosso país, os pensamentos da elite dominante guianense. Estávamos num período de assimilação que continua aí e contra a qual devemos lutar. Ele está contente com essa iniciativa [do evento] porque ela permite, justamente, quebrar nosso isolamento. Já faz umas duas ou três décadas que o essencial daquilo que mobiliza sua atenção é justamente a nossa integração com a América do Sul. Esta é a razão pela qual ele também é o Representante Permanente do FOSPA⁸ Guiana. Nós estamos, então, no conjunto panamazônico. Certamente que nós ainda não podemos trabalhar como gostaríamos frente a tudo isso, mas, pouco a pouco as coisas vão tomando forma. Somos conscientes de que apesar do controle do estado francês, temos vários pontos em comum com as lutas da América Latina em geral. De todo modo, eu considero, segundo minhas próprias análises, que o destino da Guiana está ligado ao destino da América Latina, isto é, na medida em que a América Latina transforma suas estruturas de resistência contra os países imperialistas do Norte, isto conduz a Guiana a uma obrigação de resistência. Pois mesmo se isso não é dito de maneira clara, a França não é um país sul-americano, mas um país colonialista, imperialista, e sua visão da Guiana e da América do Sul obedece à mesma lógica dos países do bloco imperialista. A América do Norte, especialmente os Estados Unidos, é o líder, mas os outros países são os guardiães, os mensageiros. Trata-se, verdadeiramente, de uma luta global do Norte engajado contra o Sul. Pois essa é a verdade: não fomos nós que iniciamos este processo, mas o Norte é que é responsável, mantendo sistematicamente a sua vontade de controle sobre nossos povos e nossos países. Isto, obviamente, por causa de nossas riquezas

Rodrigo Ielpo: *Não sou um especialista [no teatro de Élie Stephenson], até porque, infelizmente, a gente tem dificuldade em comprar os livros... e isto diz alguma coisa do problema de integração, pois somos vizinhos, mas para comprar as obras escritas na Guiana é realmente muito difícil. Não sei se isso acontece também com vocês para comprar obras brasileiras...*

Nora Stephenson: Totalmente.

Rodrigo Ielpo: *Pois é... isso ilustra, de certo modo, o problema... Mas de tudo que eu li, porque já é possível comprar alguns livros pela internet, o que é bom...*

Nora Stephenson: Sim. Parece que no site da Amazon há uma dúzia de títulos...

Rodrigo Ielpo: *Sim...*

Nora Stephenson: Mas eu meio que descobri isto por acaso (risos).

Rodrigo Ielpo: *(risos) É verdade que isso nos ajuda nessa integração cultural porque o livro físico é mais difícil.*

Nora Stephenson: Sim, mas é sempre a mesma coisa. Eles ganham dinheiro às nossas custas, mas não dão nada para o autor.

Rodrigo Ielpo: *Isso é muito impressionante... muito mesmo.*

Nora Stephenson: Sim...

Rodrigo Ielpo: *Mas, por exemplo, ao ler Un rien de pays⁹ [Um nada de país] a gente percebe essa luta entre guianenses e metropolitanos que a gente também vê na peça La route [A estrada]. O controle da terra, a questão da terra...*

Nora Stephenson: E ainda viva, esta questão...

Rodrigo Ielpo: *Pois é... eu gostaria de ouvir um pouco sobre este problema do controle da terra...*

Nora Stephenson: Sim.

Rodrigo Ielpo: *Uma pergunta que parece boba, mas vocês, do ponto de vista civil, vocês são franceses?*

Nora Stephenson: Eu, Nora, pessoalmente, sou guianense. Nasci na terra de Guiana e vou morrer em terra de Guiana!

Rodrigo Ielpo: *Sim, claro... isto quer dizer que o teatro é uma ferramenta, uma arma de resistência, e se a poesia pode conceder uma glória maior fora da Guiana, o teatro, por outro lado, se eu entendi bem, permite estabelecer essa ligação verdadeiramente forte com o povo guianense.*

Nora Stephenson: Isso.

9 Peça publicada no volume *L'œuvre théâtrale inédite d'Élie Stephenson (1974-1990)*. Ver bibliografia.

Rodrigo Ielpo: *Não exatamente a poesia, mas o teatro.*

Nora Stephenson: Isso. Porque este teatro, Élie escreveu, de fato, para o povo guianense. (**Para Élie**) O que você gostaria de dizer em relação à escrita do seu teatro para o povo guianense? Você o escreveu de fato para o povo guianense? Ele está dizendo que esse teatro não é compreendido fora da Guiana

Rodrigo Ielpo: *No Brasil, a gente consegue compreender este teatro.*

Nora Stephenson: O que já é bom.

Rodrigo Ielpo: *É preciso traduzi-lo porque a questão da terra permanece, mesmo se a gente não pertence mais a Portugal. Porque é uma questão de pertencimento, e eu sei que é um pouco agressivo, mas aí é que está, é preciso cortar esse laço, que é um laço de dominação. Nós cortamos esse laço com Portugal há muito tempo. Mas a gente entende bem tudo isso porque há dominações que são consequências, claro, do projeto colonialista, e a questão da terra continua no Brasil um verdadeiro problema.*

Nora Stephenson: Sim, porque a gente percebe que as terras pertencentes ao povo indígena são cada vez mais roubadas. E isso coloca um problema, apesar de vocês serem proprietários da terra de vocês. Enquanto aqui na Guiana, noventa e nove por cento das nossas terras são do estado francês. E a gente não tem nenhum controle sobre isso.

Rodrigo Ielpo: *Entendo... e como o povo da Guiana recebe esse teatro de Élie Stephenson? Porque essa é a parte mais importante, o povo.*

Élie Stephenson (Nora): O teatro que eu escrevo é bem recebido pelo povo de maneira geral. No início, foi um pouco uma surpresa, pois as pessoas estavam persuadidas de que com a nossa língua, o crioulo guianense, com nossos elementos culturais, etc., não tínhamos como produzir uma expressão teatral de qualidade. Vivíamos, realmente, isolados e completamente dominados pela presença francesa, sobretudo, culturalmente. Então, no primeiro mês, foi uma surpresa para os guianenses... Alguns não compreenderam, mas ao longo dos ensaios, dos espetáculos, eles entenderam e este teatro se tornou bem popular nesse período. E isso permitiu com que jovens companhias se formassem para continuar o trabalho, para assumi-lo para chegar ao que acontece hoje quando o próprio estado subvenciona algumas companhias. Mas ele entendeu que o teatro é um elemento pelo qual também se tenta um certo controle. Mas na verdade, o que é importante durante todo esse

período é que a língua crioula e, conseqüentemente, as outras línguas faladas na Guiana, as línguas ameríndias, autóctones, ganharam importância. Nossas línguas têm agora um status de línguas regionais, são vistas como equivalentes à língua francesa, e participam das produções, das criações, do mesmo modo que o francês. Então, as línguas regionais também se expressam com muita força, talvez até mais do que o que vem da França.

Rodrigo Ielpo: *Ok. A gente vai daqui a pouco ter que encerrar essa primeira parte para passar para a apresentação da professora e pesquisadora Alexandra Dumas, mas depois o público vai poder fazer perguntas a vocês. No que diz respeito ao crioulo, o teatro confere um status de importância a essa língua, a língua crioula, que em relação ao francês, língua oficial, é tida, de certo modo, como língua regional. Mas, na verdade, é [o crioulo] uma língua nacional. Imagino que escrever em crioulo seja também um ato de resistência, um ato político. Porque, obviamente, Stephenson poderia escrever em francês.*

Élie Stephenson (Nora): Sim, escrever em crioulo é também um ato de resistência. Inclusive, no início, o objetivo era de utilizar o crioulo praticamente como um código entre a gente a fim de nos distinguirmos do inimigo externo, que era o governo francês. O que explica o porquê de, no início, ele não ter procurado divulgar [seu teatro] em nível nacional, internacional.

Rodrigo Ielpo: *De todo modo, como o governo francês recebeu tudo isto? Eles disseram algo? Em algum momento eles se posicionaram? Ou fizeram como se nada disso existisse, fingindo-se de desentendido?*

Nora Stephenson (para Élie): O governo francês se posicionou em relação a isto ou se fez de desentendido?

Élie Stephenson (Nora): O Estado finge não saber de nada, mas no fundo não deixa de opinar sobre minha obra... E está de olho, sempre! Na verdade, para o Estado é como se fosse um barômetro para ajustar sua política de assimilação. Então é uma luta de braço permanente. E quando minhas peças são representadas, bem, sabemos quem está na plateia.

Rodrigo: *Ah é?*

Élie Stephenson (Nora): Claro que sim!

Rodrigo Ielpo: *E não seria bom ver essas peças representadas, neste momento atual, na França metropolitana e em francês, como uma espécie de provocação contemporânea? Já que o Estado está se fazendo de desentendido no território guianense, então, por que não dizer e denunciar as coisas na França? Não seria um ato político forte?*

Élie Stephenson (Nora): Sim, claro, e é por isso mesmo que minha primeira peça, *O Mayouri*¹⁰, foi traduzida. Uma edição bilíngue foi publicada, com todo um trabalho sobre a língua. Por sinal, a publicação da peça foi financiada parcialmente pela Universidade de Laval, no Canadá. O texto foi integrado no currículo de formação dos estudantes dessa Universidade, com foco disciplinar sobre as línguas regionais e os crioulos. Foi minha primeira peça, uma peça-chave, com afirmações fortes! E quero também mencionar minha peça *Placers*¹¹ [*Jazidas*], com uma temática atual que nos preocupa tanto: a da terra e do garimpo, legal ou ilegal, o qual afeta muito de nossos países na Amazônia. Esta peça foi representada na França, em Limoges e, em Cergy-Pontoise também. *La nouvelle légende de D'Chimbo* [*A nova lenda de D'Chimbo*] foi, quanto a ela, apresentada no Festival de Cannes. Então, vemos que, apesar de tudo, minhas peças têm uma certa visibilidade na França, onde há um reconhecimento da minha obra. Todas elas não são ainda editadas, pois às vezes fica difícil fazer tudo ao mesmo tempo, um trabalho militante e as atividades relativas à escrita e à edição. Mas é apenas uma questão de tempo e sabemos que há ainda muito trabalho para fazer nesse sentido, com textos e canções que por enquanto ficam sem edição.

Rodrigo Ielpo: *E depois ainda haverá um trabalho de tradução, em português, por exemplo.*

Élie Stephenson (Nora): Verdade! A esse propósito, a Guiana, como sabem, faz fronteira também com o Suriname, e uma das minhas últimas peças, feita inicialmente para as crianças do ensino médio da Guiana, foi logo representada em Mango, no Suriname. Lá, as crianças das escolas nunca tinham visto uma peça de teatro e pela primeira vez foram ao teatro para assistir a uma peça escrita em francês. Obviamente, tínhamos intercalado momentos em que falávamos em inglês para apresentar as cenas. Eles ficaram encantados por essa primeira experiência. Também representamos essa peça, intitulada *Ago Tukusipan Wada*¹², no teatro de

10 Ver bibliografia.

11 Texto de 1990, inédito.

12 Texto de 2009, inédito.

Paramaribo. O projeto era realizar uma representação também no Brasil, mas não conseguimos financiamento. É sempre difícil ter o orçamento necessário e viajar a partir do nosso país. No entanto, às vezes, isso se torna possível e, por exemplo, minha peça *Le soufflé du jaguar*¹³ [*O sopro do jaguar*], depois de uma estreia em Caiena, foi representada duas vezes no Brasil, em Belém. Mas é verdade que seria necessário que fossem estabelecidos cada vez mais contatos entre nós, para favorecer o movimento cultural e as trocas em torno daquilo que pode nos aproximar, pois há todo um imaginário que perpassa nossas culturas. Deveríamos nos encontrar mais e mais, mesmo que existam dificuldades e que nossos territórios sejam tão vastos. Claro, a Guiana não é tão grande quanto o Brasil, mas não deixa de ser uma vasta terra e, entre a Guiana e o Brasil, de uma ponta à outra, de leste a oeste e de norte a sul, torna-se difícil se deslocar, se encontrar e fazer coisas juntos. Mas é possível, e a cooperação e a colaboração são realidades cada vez mais concretas, em particular em nosso entorno mais próximo, em Saint-Georges, a cidade que é a porta de entrada para o Brasil. Tem, sim, pequenas coisas que acontecem e às vezes fico agradavelmente surpreso em ouvir falar de eventos. Entendemos o quanto é importante que estejamos juntos. Com uma parte do norte do Brasil, partilhamos o mesmo platô geográfico das Guianas e deveríamos, pelo menos, nos conhecer melhor.

Rodrigo Ielpo: *Concordo plenamente, e é isso mesmo que estamos fazendo hoje, neste evento.*

Nora Stephenson: Sobretudo porque o FOSPA do ano que vem será no Brasil, em Belém, e a gente pensou em fazer alguma coisa sobre o teatro. E eu estou tentando mobilizar os guianenses.

Rodrigo Ielpo: *É preciso construir esse espaço comum.*

Élie Stephenson (Nora): É a lógica mesmo do território amazônico que partilhamos. Pois, afinal, o rio Oiapoque não é exatamente uma fronteira. É apenas de onde se vê o vizinho do outro lado. Aliás, é assim que os povos experimentam esse espaço, de forma natural. E deve ser exatamente o mesmo sentimento que se encontra lá do outro lado, na parte oeste, subindo em direção à Venezuela. É o mesmo continuum geológico, climático... são as mesmas populações. Por sinal,

13 Texto de 2017, inédito.

tem até uma cidade da Venezuela que se chama Ciudad Guayana. O continente é grande, tem muitas coisas para fazer!

Abertura das perguntas ¹⁴

François Weigel: *O senhor poderia falar para a gente das oportunidades que já encontrou para dialogar com os dramaturgos brasileiros ou mesmo de outros países da América Latina? Como aconteceram esses diálogos? O senhor sente que tem preocupações comuns com autores deste continente – por exemplo na maneira de construir os seus textos e de apresentar certos temas?*

Élie Stephenson (Nora): No meu último livro de poesia, *Les rituels du vent*¹⁵ [*Os rituais do vento*], tem um longo texto sobre a Venezuela e suas lutas. Tem também dois textos sobre o Brasil, porque fomos a Santarém, lugar do qual gostamos muito. Lamentamos não podermos ter ido até a Ilha dos Macacos, mas, mesmo assim, nos impregnamos do lugar e essa experiência de viagem resultou num texto que se declama em várias estâncias. O texto foi alimentado por nossos encontros, em particular com a comunidade ameríndia dos Boraris, que sofreram muito com a colonização e com as missões jesuíticas. Guardamos muitas coisas dessa viagem e esperamos voltar lá. Os amigos que nos receberam ficaram nos aguardando e, sem a pandemia, certamente nós teríamos viajado outra vez. Eu escrevi 14 estâncias sobre o lugar, as pessoas encontradas, minhas impressões, a história do local tal qual a apreendi...

Alexandra Dumas: *Para além da língua crioula, existem outros elementos culturais crioulos que o senhor incorpora no seu trabalho?*

Élie Stephenson (Nora): Como elementos crioulos, tem as canções, sempre. E a apresentação mesmo do palco, a encenação, que é fundamentada nas vivências das pessoas. Assim como os adereços, os figurinos... tudo é tirado da vida das pessoas, da cultura guianense.

Mas permitam-me voltar a falar desse texto: as 14 estâncias de *Les rituels du vent*. Gostaria de ler a “Primeira Encantação, Alter do Chão”:

14 Esta abertura aconteceu após a apresentação de Alexandra Dumas.

15 Ver bibliografia.

Première incantation

ALTER DO CHÃO

Le flamboiement des soutanes

Et la dérélition des "BORARIS".

ALTER DO CHÃO

L'affront fait à Dieu

Au nom de son Amour

Et de sa Compassion,

Les indignes ont chassé

Les peuples indigènes

Avec le missel, la croix et le mousquet.

L'histoire balbutie,

Se répète,

Se perpetue

L'excommunication des justes

Et l'extermination des enfants de la nature.

Mais,

ALTER DO CHÃO

Endigue la Mort

Détruit la pestilence

Pacifie la violence

Et Re-vit à la VIE.

Primeira Encantação

ALTER DO CHÃO

O flamejar das batinas

E a derrelição dos Boraris.

ALTER DO CHÃO

A afronta a Deus

Em nome do seu Amor

E de sua Compaixão,

Os indignos caçaram

Os povos indígenas

Com o missal, a cruz e a espingarda.

A história balbucia,

Se repete,

Se perpetua

A excomunicação dos justos

E a exterminação dos filhos da natureza.

Mas,

ALTER DO CHÃO

Retem a morte

Destrói a pestilência

Pacífica a violência

E Re-vive para a Vida.

Rodrigo Ielpo: *Muito obrigado por esta leitura.*

Nora Stephenson: Élie também foi ao Panamá, em 1980. Ao Rio de Janeiro, em 1984, em uma manifestação cultural kizomba. Também foi a Cuba e, em 1992, a Santo Domingo, na ocasião das comemorações da descoberta das Américas por Cristóvão Colombo... E foi para dizer o que, para ele, representava o Cristóvão Colombo [risos].

Élie Stephenson (Nora): Hoje, o importante é criar laços e uma dinâmica cultural perene entre nossos países. Para tanto, é preciso encontrar um espaço ou até vários

espaços de realização desse diálogo. Por exemplo, poderíamos fazer agrupamentos por áreas. Como em 1992, quando eu pensei que pudéssemos fazer uma federação cultural dos países do platô das Guianas, até a Venezuela. Não funcionou na época, mas seria talvez possível retomar a ideia agora, com as mentes mais abertas de ambos os lados. E poderíamos já começar por uma associação com o Amapá e o Pará. Tem coisas que acontecem, mas que não ficam muito conhecidas. Foi assim que encontramos o senhor Paulo Alfaia, que gosta da poesia de Élie e que a representa no palco. Nunca tivemos a oportunidade de ver as representações, mas sabemos que existem. Seria preciso criar as condições para que ocorram muito mais intervenções desse tipo, para um melhor conhecimento de nós mesmos. Na verdade, além das estruturas econômicas, como o Mercosul, seria necessário elaborar estruturas culturais. Mas devemos começar de mais perto, com nossos vizinhos mais próximos, e logo estender as redes, como um leque que se abre.

Rodrigo Ielpo: *Pois hoje estamos muito felizes em recebê-los porque temos esta oportunidade de criar ligações entre os nossos territórios. Uma das universidades que organiza o nosso evento é a UFRN e uma das pessoas convidadas é Alexandra Dumas, pesquisadora da UFBA; ora, são estes Estados brasileiros do Norte ou do Nordeste, como os da Bahia e do Rio Grande do Norte, muito mais do que o eixo Rio de Janeiro/São Paulo, que podem ser a força motriz e impulsora de um diálogo com territórios como a Guiana. Estamos falando de territórios essenciais para o Brasil, em termos de cultura, política e, também, de economia. Receber em nosso evento um intelectual e escritor guianense tão importante deve ser considerado como um ponto de partida para esse diálogo intelectual e cultural...*

Élie Stephenson (Nora): É um prazer, sempre renovado, poder estar em contato com vocês. Nos damos conta de que os nossos vizinhos pensam como nós e experimentam as mesmas coisas, apesar de que, como eu sempre falo, nós da Guiana somos o único país da América do Sul que não é independente – e esse é o grande problema para nós! Estamos conscientes do quanto o diálogo com os países vizinhos, nesse sentido, é vital!

Rodrigo Ielpo: *Gostaria agora de encerrar esta conversa com uma pequena passagem da peça Un rien de pays. É um trecho que nos desafia e requer uma resposta. Trata-se da cena 4 e o personagem que fala é, num primeiro momento, o Homem 2. “Les hommes politiques jouent à la petite guerre. Ils s’accusent les uns les autres, s’attaquent, s’opposent, mais après les élections ils boivent et mangent ensemble dans les invitations*

officielles” [Os homens políticos brincam de fazer guerrilha. Acusam-se, atacam-se uns aos outros, opõem-se mutuamente, mas depois das eleições bebem e comem juntos em convites oficiais]. Logo, um outro personagem, o Homem 4, faz a seguinte pergunta: “Et le peuple?”¹⁶ [E o povo?]. Pois é: e quanto ao povo? Esta é uma questão que nos é dirigida e que nos impele a responder.

Nora Stephenson: E é uma questão que Élie faz frequentemente, para que o povo guianense entenda que é um povo e não uma colônia – e não um nada, um “*rien de pays*”. Para que ele viva sua consciência de povo.

Rodrigo Ielpo: Isso! Acredito que seu trabalho teatral, Élie Stephenson, é uma maneira de pôr em perspectiva essa questão, a qual, na realidade, é uma falsa questão – pois no fundo já é uma resposta.

Élie Stephenson (Nora): Para concluir, devemos estar conscientes de que o futuro do mundo se desempenha aqui mesmo, em nossos países. Devemos ter essa capacidade de ser, essa consciência de que o homem é um elemento da criação no universo, mas não o único... É do nosso interesse viver em harmonia.

Referências bibliográficas

- STEPHENSON, Élie. *Ô Mayouri*. Paris: L'Harmattan, [co-édit. M. Fauquenoy, 1988].
- _____. *La nouvelle légende de D'Chimbo suivi de Massak*. Matoury: IBIS ROUGE EDITIONS, 1996.
- _____. *Les rituels du vent*. Paris: L'Harmattan, 2013.
- _____. *L'œuvre théâtrale inédite d'Élie Stéphane (1974-1990)*. Paris: Karthala, 2018.

16 STEPHENSON, Élie. *L'œuvre théâtrale inédite d'Élie Stéphane (1974-1990)*. Paris: Karthala, 2018, p. 67.